

BEM-ME-QUER

3º ANO

mais

ARTE

Maria Helena Webster (coord.)
Dafne Sense Michelini
Mairah Rocha
Maucha Rocha
Stella P.

CÓDIGO DA COLEÇÃO

0276P230202000060

PNLD 2023 - OBJETO 2

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Ensino Fundamental • Anos Iniciais

Arte



Editora
do Brasil

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

BEM-ME-QUER

mais

ARTE

MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Maria Helena Webster (Coordenação)

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio
Formadora de coordenadores e professores em Arte
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

Dafne Sense Michellepis

Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alra América
Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)
Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora
Professora especialista de dança no ensino formal
Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento na educação

Mairah Rocha

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)
Cantora e percussionista corporal
Educadora musical
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

Maucha Rocha Barros

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Stella Ramos

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



**Ensino Fundamental
Anos Iniciais
Arte**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição
São Paulo, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais [livro eletrônico] : arte,
3º ano : manual de práticas e acompanhamento
da aprendizagem / Dafne Sense
Michellepis...[et al.] ; Maria Helena
Webster (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo :
Editora do Brasil, 2021. -- (Bem-me-quer mais
arte)
300 Mb ; PDF

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros,
Stella Ramos
ISBN 978-65-5817-801-9

1. Arte (Ensino fundamental) I. Michellepis, Dafne
Sense. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha.
IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena.
VI. Série.

21-81277

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© Editora do Brasil S.A., 2021
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Erika Caldin

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de artes: Andrea Melo

Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Silva

Supervisão de iconografia: Léo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Gabriela Hengles

Edição: Ana Okada e Mariana Tomadossi

Assistência editorial: Felipe Adão e Marcelo Nardeli

Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Bianca Oliveira,
Fernanda Santos, Frederico de Melo, Jonathan Busato,
Mariana Paixão, Martin Gonçalves e Rosani Andreani

Pesquisa iconográfica: Mariana Paixão

Design gráfico: Estúdio Chaleira - Cristiane Viana

Capa: Caronte Design e Patrícia Lino

Edição de arte: Aline Maria, Gisele Oliveira, Patrícia Lino e Talita Lima

Assistência de arte: Letícia Santos

Ilustrações: Diogo Ferreira e Fabiano Moura

Produção cartográfica: Sônia Vaz

Editoração eletrônica: Studio Layout Ltda.

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier,
Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini

Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Rita Poliane,
Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2021



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br



OLÁ, PROFESSORA!

OLÁ, PROFESSOR!

A Arte nos convida a um longo percurso de descobertas pelas múltiplas formas de expressão que podemos desenvolver, e esse contato proporciona aos estudantes experimentar os elementos das linguagens em diferentes materialidades.

Agora, nós o convidamos a propor atividades que permitirão que eles aprofundem o contato com a arte – fixando conceitos e ampliando experimentações para que compreendam os conteúdos e teçam outras possibilidades relacionadas aos temas pertinentes a cada linguagem.

Este conjunto de atividades foi desenvolvido como propostas impulsionadoras para que você, ao desenvolvê-las, tenha muitas outras ideias relacionadas a seu contexto escolar e a sua turma. É pela experimentação que os estudantes ampliarão seus repertórios de investigação e pesquisa.

Valorize a experimentação!

Boas propostas!

As autoras

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

SUMÁRIO

EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO..... V

Verbos cognitivos: processos de criação..... V

O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM..... V

Para revisar e reforçar..... VI

Para ampliar..... VI

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO..... VI

Dimensões do conhecimento em Arte..... VI

Competências: gerais e específicas..... VII

Avaliação..... VII

PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE..... VII

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?..... VII

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO..... VIII

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL..... IX

UNIDADE 1..... X

Plano de aula: Investigação sobre o território da escola..... X

Plano de aula: Como é o lugar que queremos?..... XI

UNIDADE 2..... XIV

Plano de aula: Os lugares e palcos do teatro..... XIV

Plano de aula: Criando uma história a partir de um lugar..... XVI

UNIDADE 3..... XVIII

Plano de aula: O Carnaval e seus lugares, sons e cores..... XVIII

Plano de aula: O carnaval da minha família..... XX

UNIDADE 4..... XXII

Plano de aula: Danças e brincadeiras de outras épocas..... XXII

Plano de aula: A construção da quadrilha..... XXIV

REFERÊNCIAS..... XXVII

EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO

Pensar em um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem é ampliar as possibilidades de experimentação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. [...] Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Com essa perspectiva, propomos um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem que desdobre os saberes dos estudantes, incentivando-os a aprofundar e experimentar novos olhares sobre diferentes aspectos da Arte. Há muitos modos de se aproximar de um objeto de conhecimento, e a experimentação é um deles. Ela é especialmente importante nos Anos Iniciais.

VERBOMATERIAL DE DIVULGAÇÃO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

As propostas do objeto de conhecimento “Processos de criação” reforçam a importância da prática investigativa. Esse objeto é sinônimo de investigação na experimentação e não mais um fazer pontual com pouco significado na aprendizagem. É a construção de uma proposta de experimentação encadeada. O estudante caminha numa construção em espiral, tratando de assuntos com diferentes abordagens e explorando diversos caminhos que culminam em práticas que evidenciam os temas apresentados pelo viés da experiência.

Os verbos cognitivos da BNCC (BRASIL, 2018, p. 201-203) trabalhados nas unidades são:

- experimentar a criação;
- dialogar sobre a sua criação;
- criar e improvisar;
- discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências;
- experimentar improvisações, composições e sonorização;
- experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações;
- exercitar a imitação e o faz de conta;
- experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz;
- reconhecer e experimentar.

Todos levam a múltiplas possibilidades de exploração, pelos estudantes, de aprendizados pela experimentação e suas variações cognitivas. As experimentações podem ocorrer com conteúdos que indicam foco na pesquisa e investigação dos estudantes ou em propostas que partem do próprio interesse deles, tornando-se experiências exploratórias e que lhes possibilitem dar vazão mais ampla a seu processo de criação. Especialmente na área de linguagem, a pluralidade de experiências e práticas conduz ao conhecimento mais integrado, aprofundado e pessoal.

Os projetos pedagógicos individuais, coletivos ou colaborativos possibilitam ao professor adequar a proposta ao seu contexto, mas buscam principalmente a expansão das investigações da turma.

O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

O Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem, como o próprio nome indica, traz propostas de experimentação, direta ou subjetiva, para serem trabalhadas de acordo com seu planejamento pedagógico. Está dividida em duas seções: revisão, que enfatiza a retomada dos conhecimentos gerais dos estudantes, fixando e verificando a aprendizagem; e ampliação dos conhecimentos pela observação, investigação, reflexão e criação.

As propostas elaboradas pelos autores buscam possibilitar a você, professor, no contexto escolar, o desenvolvimento de atividades encadeadas, com enfoque nas quatro linguagens da Arte na BNCC: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. Essa proposta está fundamentada nos ganhos da aprendizagem por projetos.



PARA REVISAR E REFORÇAR

Revisitar conteúdos vividos, de forma geral, possibilita progressão cognitiva na experiência realizada. O ato de contextualizar e nomear a experiência de vida dos estudantes fornece a base para se desenvolver processos criativos ancorados nas atividades aqui propostas. O ato de refazer algo é, na realidade, uma troca consigo mesmo, que amplia e consolida o experimentado. Esses momentos, que adquirem características de avaliação formativa por proporcionar o relembrar, tornam-se a base de um novo processo criativo, propiciando ao estudante estar sempre aberto ao fazer e refazer, tão presente em todas as aprendizagens por experiência.

O fazer e refazer faz parte do pensamento científico crítico e criativo, por possibilitar múltiplas experimentações em um processo investigativo. O pensamento criativo encontra espaço para narrativas visuais, orais, corporais e escritas, enfim, em qualquer tipo de letramento.



PARA AMPLIAR

Fundamentado na revisão e com espaço para novas experiências criativas, o estudante se permite fazer percursos mais longos, com paradas investigativas e diferentes propostas em cada etapa. A palavra **percurso** também pode indicar um espaço percorrido por um corpo em movimento – um movimento criativo.

Esse corpo em movimento é do estudante em seu processo criativo, com os elementos e materialidades das linguagens no contexto

dele e do professor. Você, docente, observará a turma por vários ângulos para reunir diferentes “informações” sobre a diversidade que compõe a sala de aula.

A proposta de a ampliação ser encadeada e ter quatro etapas fundamenta muitas outras ações no contexto de cada escola, como um todo ou diante do interesse dos estudantes, pela possibilidade de tornar-se um projeto pedagógico, não metodológico.

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO EM ARTE

As práticas propostas contemplam as linguagens da Arte – Artes Visuais, Teatro, Dança e Música – e articulam esses saberes com as seis dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

A dimensão da **Expressão** está diretamente ligada às possibilidades oferecidas aos estudantes de exteriorizar criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individual e coletivamente, utilizando os elementos de cada uma das linguagens e sua materialidade, assim como a dimensão da **Criação**. A **Estesia** articula a sensibilidade do estudante na percepção da Arte como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o que está em seu entorno. A estesia tem no corpo seu maior protagonista.

A dimensão da **Fruição**, que propicia prazer ao mesmo tempo que enaltece a oportunidade de se sensibilizar ao participar de práticas artísticas, leva o estudante à dimensão da **Reflexão**, possibilitando o processo de construir um posicionamento sobre experiências e processos criativos. A **Crítica** abre caminho para a articulação e a formação de pensamento próprio acerca do experimentado e apreciado.

COMPETÊNCIAS: GERAIS E ESPECÍFICAS

As práticas desenvolvidas trabalham as competências, assegurando aos estudantes a “possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil” (BRASIL, 2018, p. 199).

Sobre as competências, o jornalista Rosi Rico, no texto “Conheça e entenda as competências gerais da BNCC”, publicado na Revista Nova Escola, coloca que:

A ideia não é planejar uma aula específica sobre essas competências ou transformá-las em componente curricular, mas articular a sua aprendizagem à de outras habilidades relacionadas às áreas do conhecimento. Muitas dizem respeito ao desenvolvimento socioemocional que, para acontecer de fato, deve estar incorporado ao cotidiano escolar, permeando todas as suas disciplinas e ações. (RICO, 2021).

O desenvolvimento das competências em Arte está nas ações de investigação, expressão, criação e reflexão sobre o que foi vivenciado em atividades individuais, coletivas e cooperativas, possibilitando a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da experimentação, a comunicação e a argumentação na apresentação de seu trabalho e a fruição durante todo o processo de criação.

AVALIAÇÃO

A avaliação não deve ser excludente e classificatória. A experimentação proposta no Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem deve ser beneficiada por uma avaliação formadora com a autoavaliação, possibilitando ao estudante expressar-se sobre sua prática e sobre as facilidades e dificuldades encontradas durante o processo criativo.

PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE

O Decreto nº 9.765 de 2019 estabeleceu a Política Nacional de Alfabetização (PNA), cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. O documento tem o caráter prático de orientar os programas e as ações do governo federal e exige, portanto, o alinhamento entre os materiais didáticos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e suas diretrizes.

É natural a relação entre certos componentes curriculares, principalmente entre Língua Portuguesa e Arte, por ambas fazerem parte da área de Linguagens. São letramentos que a criança utiliza desde os primórdios para se comunicar. As primeiras expressões estão no balbuciar palavras e nos gestos incentivados por sua curiosidade. Mas as artes e, principalmente, os processos criativos podem ampliar essa interrelação pelo hibridismo da área. A arte – mais expressivamente a arte contemporânea, em que as crianças se inter-relacionam despojadas de qualquer critério racional, apenas pelo sentir e experimentar –, possibilita a construção de aprendizados nos dois componentes, ao vivenciá-los.

O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?

Assim como a criança na Educação Infantil, o estudante se aproxima de uma obra de arte, principalmente de arte contemporânea, “despido” de racionalização. Ele se aproxima como se aproxima sempre de uma brincadeira, de um elemento da natureza, de uma pessoa. Essa liberdade vem de sentir, sem racionalizar, o que pode vir a experimentar e, na sequência, expressar o que experimentou. Esse é o percurso do estudante em seu processo de criação.

O estudante dos primeiros anos narra o vivenciado pela experiência, sem preocupação com categorizações em sua fala, de modo

diferente do adulto, que busca compreender o que viveu para organizar seu relato.

O crítico de arte Fernando Cocchiarale (2006, p. 10) diz que:

[...] o problema é que estas pessoas [os adultos] usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra.

Os livros desta coleção propõem práticas visuais, sonoras, gestuais, cênicas e escritas que levam os estudantes a sentir e experimentar, de modo que possam se expressar e progredir no aprendizado pelas várias experiências realizadas. As propostas consistem em propiciar uma criação e, em seguida, apreciar o caminho percorrido, mas não explicar ou julgar seu processo. O estudante não precisa explicar o resultado de seu trabalho, assim como posiciona Cocchiarale (2006, p. 10):

O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas.

O mesmo procedimento acontece com o estudante em suas expressões.

Para concluir, vale lembrar que o que os estudantes vão aprender que Arte não se restringe apenas a conteúdos específicos mas à sua capacidade de encontrar caminhos expressivos, arriscar experimentar, buscar a própria voz. A coleção **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** desenvolvimento de questões e práticas expressivas.

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO

Até há bem pouco tempo, o ensino de Arte se resumia comumente a tarefas repetitivas, que não estimulavam a experimentação como parte do processo de criação do estudante. As propostas costumavam enaltecer a preocupação com o resultado final e não com o processo de criação. A BNCC propõe uma inversão nessa forma de ensinar, conforme abordamos anteriormente, enfatizando a presença dos verbos cognitivos relacionados à experimentação.

A experimentação ocorre quando o estudante explora a linguagem por meio de

investigações e pesquisa, da ação de fazer e refazer, aprecia o realizado e reflete sobre ele para, então, reiniciar o processo.

Um processo de experimentação, sempre!

Ainda reportando-se à BNCC, encontramos dez vezes o verbo **experimentar** distribuído nas 26 habilidades dos Anos Iniciais. Isso mostra mais de 38% de enfoque na orientação para propostas práticas que possibilitem ao estudante aprender por meio do fazer, buscando ampliar sua autonomia (iniciada pela curiosidade na infância) e exercitar processos que o levem a construir, ao longo de sua jornada de estudante, uma forma de expressão visual, corporal ou sonora.

Essa proposta só se concretiza se as práticas fizerem sentido no contexto dos estudantes, ou seja, se forem significativas para eles. Para isso, é necessário que participem da própria elaboração da proposta, façam um levantamento do que conhecem, do que já desenvolveram e de como se sentiram durante a elaboração, principalmente usando linguagens não familiares.

Por que voltamos a falar dos verbos cognitivos?

Porque eles ressaltam a importância de um livro voltado para a ampliação das experimentações e não apenas propondo atividades já desgastadas pela repetição.

A palavra **prática** pode ser interpretada apenas como um fazer pontual, sem nada acrescentar ao aprendizado dos estudantes. Mas se for compreendida como parte de uma sequência, de um trabalho de investigação recorrente, alinhado em novas buscas e pesquisas, ela possibilita aos estudantes exercitar a investigação autônoma e aprender pelo autoconhecimento. Em arte, eles descobrem, pela prática, as possibilidades da materialidade utilizada e dos elementos da linguagem escolhida. A arte possibilita essa união.

O percurso de criação dos estudantes entendido como “processo” é formado de ações muito similares às do artista, independentemente da linguagem de expressão. As obras de arte contemporâneas trazem em sua materialidade vestígios de grandes pesquisas para identificar um caminho, muitas vezes unindo mais de uma linguagem artística. Os artistas também investem em pesquisas, testagens e investigações para chegar ao resultado no contexto proposto.

A BNCC revê essa posição, enfatizando a importância dos processos de criação, quando propõe que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Desse prisma, os estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental abrigam na memória os bons momentos vivenciados na Educação Infantil, com uma bagagem de conhecimentos construídos tanto pelo aprendizado em brincadeiras e investigações quanto pela elaboração de narrativas que explicam como eles percebem seu entorno e os impulsos que sua curiosidade valorizada os leva a descobrir.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL

Apresentamos a seguir uma proposta de distribuição dos conteúdos do Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem no decorrer do ano letivo. Ele está organizado por bimestres.

O plano de desenvolvimento anual é somente uma sugestão, pois também valoriza a autonomia do professor e pode ser adaptado à realidade escolar e à quantidade de aulas destinadas à disciplina de Arte em seu estado ou município.

	CRONOGRAMA	CONTEÚDO A SER TRABALHADO	BNCC E PNA
UNIDADE 1	1º BIMESTRE	• Atividades de revisão das páginas 6 e 7 (Investigação sobre o território da escola).	Competências gerais: 4 e 9. Competência específica de Linguagens: 3. Competências específicas de Arte: 4 e 8. Habilidades: EF15AR04 e EF15AR05. Componentes essenciais para a alfabetização: produção de escrita; funções executivas.
		• Atividades de ampliação das páginas 8 a 10 (Como é o lugar que queremos?).	
UNIDADE 2	2º BIMESTRE	• Atividades de revisão das páginas 12 e 13 (Os palcos do teatro).	Competências gerais: 1 e 3. Competências específicas de Linguagens: 1 e 3. Competências específicas de Arte: 4 e 8. Habilidades: EF15AR19 e EF15AR20. Componentes essenciais para a alfabetização: desenvolvimento de vocabulário; produção de escrita; funções executivas.
		• Atividades de ampliação das páginas 14 a 16 (Criando uma história a partir de um lugar).	
UNIDADE 3	3º BIMESTRE	• Atividades de revisão das páginas 18 e 19 (O carnaval e seus lugares, sons e cores).	Competências gerais: 1 e 3. Competências específicas de Linguagens: 1 e 5. Competências específicas de Arte: 1 e 3. Habilidades: EF15AR08, EF15AR10, EF15AR24 e EF15AR25. Componentes essenciais para a alfabetização: produção de escrita; fluência em leitura oral.
		• Atividades de ampliação das páginas 20 a 22 (O Carnaval da minha família).	
UNIDADE 4	4º BIMESTRE	• Atividades de revisão das páginas 24 e 25 (Danças e brincadeiras e outras épocas).	Competências gerais: 1 e 3. Competências específicas de Linguagens: 1 e 5. Competências específicas de Arte: 3 e 9. Habilidades: EF15AR13, EF15AR14 e EF15AR25. Componente essencial para a alfabetização: desenvolvimento de vocabulário; consciência fonológica e fonêmica; produção de escrita.
		• Atividades de ampliação das páginas 26 a 29 (A construção da quadrilha).	

UNIDADE 1

PLANO DE AULA: INVESTIGAÇÃO SOBRE O TERRITÓRIO DA ESCOLA

Duração: 2 a 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR04
- EF15AR05

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- produção de escrita;
- funções executivas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Percepção da relação do estudante com o espaço ocupado.

Objetivo: Explorar as relações entre ambiente e habitação no próprio território escolar.

Material:

- giz de lousa;
- bastão (madeira ou plástico) ou graveto (de madeira);
- fita-crepe ou adesiva;
- barbante.

Onde fazer: Diferentes espaços da escola.

INTRODUÇÃO

Nesta atividade, vamos explorar percepções simultâneas. A primeira diz respeito à ocupação do espaço da escola pelos estudantes por meio dos caminhos trilhados. Disponibilize a maior variedade de cores de giz possível. No entanto, se houver só uma cor, não há problema, porque a percepção continuará pela densidade maior ou menor de linhas simultâneas em cada espaço. Além disso, os estudantes poderão notar, pela vivência direta, como uma ação simples,

mas planejada e conectada com toda a turma, cria uma interferência real e concreta no espaço da escola.

DESENVOLVIMENTO

Auxilie os estudantes a montar o “bastão riscador”. Eles podem usar cabos de vassoura ou qualquer tipo de objeto leve e alongado, como gravetos compridos.

Prepare esse material buscando-o pela escola ou faça uma campanha para que cada estudante o traga de casa.

Para prender o giz, experimente alguns materiais e veja qual funciona melhor: fita adesiva, fita-crepe ou barbante e fita.

Depois de prontos, é hora de os estudantes testarem o artefato: sugira que caminhem por um trecho de modo que sintam o quanto podem deixar a mão mais solta sem quebrar o giz, mas, ainda assim, traçando uma linha no chão. Esses testes fazem parte do aprendizado e são muito importantes. As experiências que não derem certo são de grande valia para cada um deles no processo. Estimule-os a não desanimar caso isso ocorra.

Na etapa seguinte, eles devem se conscientizar de que o bastão é um indicador do que já fazem cotidianamente. Não vale ficar indo e vindo apenas para fazer novas linhas (se perceber que é um desejo deles, você pode aproveitar o artefato que construíram para atividades futuras de desenho expandido no espaço). Esse pode ser um ótimo e divertido desdobramento, que aproveita o material criado por vocês.

ENCERRAMENTO

Desenhados os traços, caminhe com eles pela escola (dessa vez sem os bastões) para observarem o resultado da ação. Discutam quais são os lugares com mais linhas, os lugares em que elas se dividem e conversem sobre o que foi experimentado e observado. Combine com a direção da escola como será feita a limpeza dessas linhas. Se for possível deixá-las durante alguns dias, melhor. De volta à sala, deixe que falem sobre a experiência: como foi registrar estes percursos, como foi ver os colegas fazendo o mesmo e qual o impacto sentiram ao ver o resultado final das linhas. O que aprenderam neste processo?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Desenvolvimento de trabalho de criação com o espaço e a coletividade.

Objetivo: Experimentar práticas que envolvam o corpo coletivo e práticas de construção tridimensional.

Material:

- cadeiras;
- caixas de papelão grandes;
- bolas esportivas ou outro material disponível na escola para uso dos estudantes.

Onde fazer: Pátio ou corredor da escola.

INTRODUÇÃO

Depois do mapeamento feito na prática anterior, agora é hora de criar uma modificação efêmera no espaço da escola. O interessante desta etapa é que ela dialoga não apenas com as turmas diretamente envolvidas mas com toda a comunidade escolar. Converse antes com os outros professores e funcionários, explicando a realização e as motivações pedagógicas. Muito possivelmente os estudantes das outras turmas vão comentar e querer saber mais.

DESENVOLVIMENTO

Esta prática é uma intervenção que interfira em um espaço coletivo e compartilhado da escola e busca trazer, pela vivência e reflexão, a relação entre corpo e espaço no âmbito coletivo. Saliente que a ideia não é impedir a passagem, mas propor uma mudança no modo pelo qual o corpo se posiciona nessa relação com o espaço. Levante ideias com os estudantes e, partindo delas, busque o material necessário. Algumas ideias podem ser ótimas, mas de realização inviável; reforce-as positivamente, porém sugira que façam juntos adaptações para a realidade de vocês. Garanta que qualquer mudança feita seja segura para todos. Comunique a direção da escola para acertar horários e mudanças com mais tranquilidade.

A etapa seguinte à instalação dos objetos é a observação, também fundamental para o processo. Enfatize a importância do silêncio e do foco na observação.

ENCERRAMENTO

Após a finalização da mudança no espaço físico da escola, volte para a sala com eles, ou reúnam-se no mesmo lugar onde a instalação temporária aconteceu. É hora de trocar impressões sobre o que foi observado. Reforce que todas as observações são importantes e que não há certo ou errado; entretanto, elas devem se relacionar à discussão sobre a relação do corpo com o espaço. Ressalte, ainda, como mudar trajetos estabelecidos no dia a dia pode proporcionar uma nova perspectiva de um espaço compartilhado com pessoas da comunidade.

PLANO DE AULA: COMO É O LUGAR QUE QUEREMOS?

Duração: 4 a 8 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR04
- EF15AR05

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- produção de escrita;
- funções executivas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Relação com o espaço que habitamos.

Objetivo: Explorar as relações entre os ambientes do território escolar; experimentar práticas que envolvam o corpo coletivo.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Pátio ou local da escola em que ocorre o recreio dos estudantes.

INTRODUÇÃO

Vamos trabalhar quatro práticas encadeadas. Cada etapa possibilita um aprendizado específico e é importante que seja finalizada para que haja, de fato, uma ampliação de conteúdos.

DESENVOLVIMENTO

Esta etapa é bastante simples e de fácil compreensão. Aqui os estudantes farão uma observação dos hábitos dos colegas de escola, a partir tanto dos lugares da escola mais usados para brincar quanto dos menos usados. As duas informações são igualmente importantes. É fundamental que observem sozinhos e escrevam a partir do que viram, sem cópias das respostas do colega. Reforce que não há certo ou errado e que a grande diversidade de respostas é boa para a turma toda. Aproveite para conversar com os estudantes a respeito da diferença entre observar e tirar as próprias conclusões e conversar sobre algum assunto. Os dois procedimentos são ótimos e importantes, mas aqui o foco está na observação e na autonomia, ou seja, no incentivo ao senso crítico para que o estudante possa interpretar o que viu e sintetizá-lo em seu livro.

ENCERRAMENTO

Essa é a primeira etapa de uma série de práticas em que os estudantes devem seguir adiante, certifique-se de que todos anotaram suas observações no livro. Peça que compartilhem entre eles e conversem sobre as primeiras conclusões a que chegaram. Houve muitos lugares diferentes citados?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Entrevista.

Objetivo: Explorar relações entre os ambientes do território escolar; experimentar práticas que envolvam o corpo coletivo.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Pátio ou local da escola em que ocorre o recreio dos estudantes.

INTRODUÇÃO

Depois da observação à distância, vamos à etapa de entrevistas. Agora é a hora de iniciar a conversa e a entrevista com cinco a sete estudantes. Em duplas, eles devem entrevistar um colega por vez; assim evitam a tendência de repetir respostas. O objetivo é experimentar uma prática investigativa que subsidie, assim como a observação anterior, a reflexão e posterior criação coletiva. Aproveite a oportunidade para conversar com eles a respeito da investigação e da riqueza de informações que pode ser levantada com esse método.

DESENVOLVIMENTO

Nesta segunda etapa, auxilie-os primeiro na estruturação da abordagem, depois na organização dos resultados. Escreva as respostas em um cartaz, de modo que possa ser usado posteriormente. Crie um critério para marcar as brincadeiras repetidas: inserir um número na frente, risquinhos a cada repetição ou o que achar mais fácil de ser compreendido pela turma. Verifique se esse critério está claro para todos. É fundamental que todas as respostas estejam indicadas nessa contagem final.

Em seguida, converse com os estudantes sobre o levantamento. Todos conhecem as brincadeiras? Caso alguém não conheça alguma, peça a um voluntário que explique como ela é.

ENCERRAMENTO

Por fim, depois do levantamento que se refere a um universo de crianças fora dessa turma, faça um levantamento das brincadeiras favoritas da turma. Há alguma brincadeira que não foi citada, mas da qual os estudantes gostam muito? Caso queira engatar um desdobramento

dessa prática, você pode pedir que entrevistem os pais para que tragam brincadeiras de outra geração, aprofundando tanto a etapa de entrevista quanto o universo pesquisado.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Reflexão sobre espaços coletivos.

Objetivo: Explorar as relações entre os ambientes do território escolar; participar de diálogo coletivo, buscando práticas de cidadania.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Pátio ou local da escola em que ocorre o recreio dos estudantes.

INTRODUÇÃO

O objetivo é focar na relação entre a coletividade e o uso do espaço. A percepção de que há lugares mais ou menos adequados para diferentes tipos de brincadeira leva a uma reflexão sobre como usamos os espaços coletivamente e como somos afetados por eles.

DESENVOLVIMENTO

Aqui em **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** as anteriores, misturando as brincadeiras mais votadas com os espaços menos usados. Garanta que possam brincar em segurança, mas, uma vez que isso esteja garantido, deixe-os explorar as soluções que julgarem necessárias caso o espaço não seja o mais apropriado para esta ou aquela brincadeira. Lembre-se de que uma brincadeira que não funciona é um ótimo resultado do ponto de vista da experimentação, pois propõe uma reflexão ainda maior. Deixe que sintam que não deu certo, caso isso aconteça. Se as adaptações forem bem-sucedidas, isso também é um índice. Busque dar autonomia para a turma na resolução dessas transposições.

ENCERRAMENTO

O experimento de brincar em espaços diferentes pode levar a reflexões bastante aprofundadas sobre a construção e o uso de espaços comuns da escola, por exemplo. Registre o que perceberam e os ajude a ampliar essas relações validando opiniões e incentivando todos a participar, criando, assim, um ambiente seguro e autônomo para a fala.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Criação coletiva.

Objetivo: Explorar as relações entre os ambientes do território escolar; experimentar práticas de construção tridimensional; participar de diálogo coletivo, buscando práticas de cidadania.

Material:

- materiais diversos disponíveis na escola (cadeiras, tecido, fita, giz etc.)

Onde fazer: Local da escola escolhido pelos estudantes.

INTRODUÇÃO

Com uma etapa que enfoca a criação, essa prática encerra o encadeamento das diferentes etapas de um mesmo tema. A brincadeira serviu de mote para que os estudantes pudessem observar, investigar, refletir e, agora, criar. Aproveite esse tema para reforçar a dimensão complementar das etapas do processo. Aprender é sempre prazeroso, ainda que, em muitos momentos, exija atenção, persistência, disciplina e senso crítico. O tema pode ser útil para levantar essa discussão. A etapa de criação acaba sendo o ponto alto de todo esse processo, dando sentido a essas exigências e revelando a importância delas em cada ponto do trajeto.

DESENVOLVIMENTO

Lembre-os de que a brincadeira surgirá depois das experimentações, observações e reflexões que fizerem sobre o espaço da escola. Não se trata apenas de inventar uma brincadeira, mas de pensar em uma inspirada em um espaço específico da escola.

O livro mostra alguns exemplos, mas estimule-os a criar outras possibilidades. A partir das ideias, faça com eles um levantamento do material necessário, se houver. Atenção: a proposta não é somente pensar em uma brincadeira no espaço, mas pôr a ação em prática! Brincar, de fato, é fundamental para a realização completa dessa prática.

ENCERRAMENTO

Registre com fotos, mesmo que seja com o celular, o momento em que forem brincar no espaço. Organize uma roda de avaliação no final e converse com todos sobre as etapas e a conclusão. Faça um levantamento do que aprenderam, das etapas em que tiveram dificuldade e das principais descobertas. Essas observações podem ser registradas no verso do cartaz que continha as brincadeiras na etapa de investigação ou vocês podem criar um dispositivo de registro específico para essa prática.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
UNIDADE 2
DA EDITORA DO BRASIL

PLANO DE AULA: OS LUGARES E PALCOS DO TEATRO

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR18
- EF15AR19
- EF15AR20

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- desenvolvimento de vocabulário;
- produção de escrita;
- funções executivas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Espaços teatrais.

Objetivo: Aproximar-se de elementos da linguagem teatral; conhecer diferentes espaços teatrais e refletir sobre eles; refletir sobre outras possibilidades de espaços teatrais.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

INTRODUÇÃO

O teatro pode acontecer em lugares muito diferentes. Aqui, destacamos dois deles, muito relevantes para a história do teatro, além do teatro de rua: teatro de arena (que se iniciou na Grécia Antiga e remete às origens do teatro da forma que o conhecemos) e o palco italiano (que surgiu no Renascimento, acompanhado de muitas transformações no modo de fazer teatro). É importante que os estudantes conheçam as características de ambos os espaços e saibam diferenciar um do outro.

DESENVOLVIMENTO

No Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem, há uma imagem de um teatro de arena e outra de um teatro de palco italiano. Ao lado delas, estão os nomes e as características de cada um deles para que os estudantes, após conversa inicial sobre esses tipos de espaços teatrais, associem essas informações às imagens, percebendo as diferenças entre os lugares.

Em seguida, eles devem refletir sobre espaços em que, na opinião deles, seria interessante apresentar peças teatrais.

ENCERRAMENTO

Por fim, os estudantes devem pensar nos espaços não adequados para representações teatrais. Para isso, auxilie-os com questões como: Que características um lugar deve ter para que seja possível fazer nele uma apresentação teatral? Há espaço no lugar para acomodar a plateia? Há muito barulho no local? As pessoas poderão enxergar e escutar os atores?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Cenários.

Objetivo: Estudar o conceito e as características de cenário; observar cenários teatrais percebendo como eles auxiliam na encenação teatral; explorar criações cênicas a partir da observação de cenários.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula com carteiras afastadas umas das outras ou algum local amplo para dividir o espaço entre palco e plateia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

INTRODUÇÃO

É importante que os estudantes conheçam diferentes espaços teatrais e cenários, para compreender a função deles nas representações teatrais e perceber como eles auxiliam a representação, muitas vezes fornecendo informações sobre a história e o lugar em que se passa a cena. No entanto, é importante que eles compreendam que o cenário vai muito além de um painel que representa o lugar em que ocorre a história. Ele não precisa ser realista e ajuda a estimular a imaginação de quem assiste à encenação.

As imagens da prática ilustram bem essa questão. Uma delas é mais realista: podemos observar móveis, portas, janelas, parede... Ainda que fiquem dúvidas de que lugar exatamente é esse, podemos notar que é o interior de um cômodo. Já a segunda imagem é menos realista. São diversas janelas penduradas e portas. Apesar de a imagem também nos sugerir lugares possíveis, ela é menos detalhada e, portanto, abre mais espaço para imaginar esse lugar que o cenário está contribuindo para criar.

É importante que os estudantes tenham percebido essas diferentes formas de pensar e de construir um cenário, compreendendo que uma não é melhor do que a outra, e sim que são opções que colaboram para a estética da peça teatral.

DESENVOLVIMENTO

Os estudantes devem perceber como os cenários estimulam nossa imaginação observando as imagens e imaginando histórias, lugares, cenas e situações.

Em grupos, cada um deve escolher uma das imagens, sem contar aos demais. Você pode direcionar algumas questões para ajudá-los a pensar no que irão criar: O que essa imagem sugere? O que vem em sua imaginação ao olhar para ela? Os estudantes devem compartilhar o que pensaram e, juntos, decidir que história irão criar baseados nesse cenário.

ENCERRAMENTO

Auxilie-os a estruturar uma cena antes de iniciar a improvisação com perguntas como: Onde será essa história? Quem vocês serão? O que acontecerá nela? Cada grupo deve improvisar sua cena, enquanto os demais serão a plateia, que deve tentar descobrir qual das imagens o grupo escolheu, ou seja, que cenário o inspirou na criação da cena. Pergunte à plateia: O que os atores fizeram durante a cena que demonstrou que se inspiraram nesse lugar?

PLANO DE AULA: CRIANDO UMA HISTÓRIA A PARTIR DE UM LUGAR

Duração: 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR19
- EF15AR20

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- desenvolvimento de vocabulário;
- produção de escrita;
- funções executivas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Lugares que habitamos e esboço de cenário.

Objetivo: Reconhecer o espaço que habita e seu entorno; explorar possibilidades de criação de cenários.

Material:

- Rolo grande de papel kraft ou outro papel grande;
- materiais para desenho e/ou pintura (lápis de cor, canetinha, tinta etc.).

Onde fazer: Sala de aula com cadeiras afastadas umas das outras ou algum local amplo.

INTRODUÇÃO

O cenário é um elemento importante para ajudar a contar uma história. Apesar de não ser indispensável, ele contribui para mostrar onde a história se passa e, ainda, auxilia a ação dos atores.

DESENVOLVIMENTO

Os estudantes serão estimulados a fazer o desenho coletivo de um cenário inspirado em um local que consideram importante. Eles devem listar, primeiro, as características do lugar

para, juntos, lembrarem de tudo o que faz parte dele. Depois, em um papel grande, farão o desenho coletivo. Para isso, precisam conversar e planejar o desenho seguindo o que listaram. Em que parte do papel cada elemento do cenário ficará? Que elementos não podem faltar? Quais são as cores predominantes do lugar? São perguntas que você, professor, pode fazer para ajudar o grupo, pois não é tão simples elaborar um desenho de forma coletiva. Cada um tem uma ideia e um olhar próprios sobre o lugar e é importante que todos possam deixar registrada sua marca sobre o local escolhido.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Criação teatral.

Objetivo: Criar cenas e personagens a partir da escolha de um lugar.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

INTRODUÇÃO

Depois de decidirem o lugar e realizarem o desenho coletivo dele, que será o esboço do cenário, os estudantes devem imaginar a história que se passa nesse lugar. A história que eles irão criar pode ser baseada em situações e personagens reais da vida dos estudantes (assim como o local escolhido), ou pode ser totalmente inventada, apenas levando em conta como e por que aconteceria exatamente nesse local.

DESENVOLVIMENTO

A história pode ser criada de várias formas e, talvez, eles precisem de ajuda para se organizar. É possível que cada um imagine uma coisa diferente e queira fazer valer sua ideia; por isso, você precisa lembrá-los de que é um trabalho coletivo, que todos devem contribuir com ideias e que o resultado será uma reunião delas. Você pode pedir a um estudante que comece a história e, depois, que cada um fale uma parte,

que será a continuação. É importante ajudá-los nessa sequência, garantindo que estejam dando continuidade à história e não apenas inserindo a própria ideia, desconectada do que já foi criado.

ENCERRAMENTO

O ponto principal para a criação da história é que eles partam do lugar escolhido e do esboço do cenário que fizeram e não se esqueçam dele ao longo do processo. Para isso, pergunte, por exemplo: Como cada elemento do cenário será utilizado na história? Como o espaço escolhido se relaciona com a história? A história seria diferente se acontecesse em outro lugar?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Construção de cenário.

Objetivo: Aproximar-se de elementos da linguagem teatral; explorar possibilidades de criação de cenários.

Material:

- materiais diversos para fazer o cenário.

Onde fazer: Sala de aula com carteiras afastadas umas das outras ou algum local amplo.

INTRODUÇÃO

Na etapa de divulgação, os alunos desenham e descrevem o cenário. Agora, são convidados a construí-lo. Para isso, precisarão de materiais não necessariamente disponíveis na escola. É importante planejar para que essa proposta seja realizada com tempo suficiente para que eles possam solicitar materiais ou trazê-los de casa.

DESENVOLVIMENTO

Deixe que os estudantes observem o desenho que fizeram e conversem para decidir como construirão esse cenário. Oriente-os para que planejem a construção especificando tudo o que acham que vão precisar. Faça com eles uma lista de tudo o que deve haver no cenário, que materiais serão

usados e como vão construí-lo. Verifique o que é possível conseguir na escola ou em casa e o que é possível substituir por materiais mais acessíveis.

Como lição de casa, eles devem procurar objetos que possam auxiliar na construção do cenário. Combine com eles um prazo para que procurem em casa e tragam esses materiais para a escola. Na data combinada, deixe que se reúnam novamente para montar o cenário com tudo o que conseguiram.

ENCERRAMENTO

Com os estudantes, perceba o que é possível fazer da maneira imaginada por eles e o que podem adaptar e substituir. Dependendo da ideia de cenário, talvez seja necessária mais uma aula, por exemplo, para pintar e esperar a tinta secar ou para terminar de construir todos os elementos que imaginaram.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Criação teatral.

Objetivo: Aproximar-se de elementos da linguagem teatral; experienciar a representação com auxílio de cenário; reconhecer e experienciar a relação entre atores e plateia, percebendo o teatro como forma de comunicação e transformação social.

Material:

- não há material necessário.
- materiais diversos para fazer o cenário.

Onde fazer: Sala de aula com carteiras afastadas umas das outras ou algum local amplo.

INTRODUÇÃO

Apresentar a história criada é o que dá sentido ao teatro. É o momento em que ele acontece, em que os atores se comunicam com um público. Quando trabalhamos teatro com os estudantes em sala de aula, muitas vezes desenvolvemos exercícios e jogos importantes, mas nem sempre

os estudantes entendem esses exercícios como um fazer teatral. Eles esperam o momento final: a apresentação. Ela não precisa ser um grande espetáculo, nem devemos passar o processo pensando na apresentação, mas proporcionar momentos de troca entre os estudantes/atores e o público é importante e significativo para todos. Nesse momento, eles experienciam essa troca tão fundamental ao teatro e, muitas vezes, engajam-se mais na preparação porque sabem que haverá esse momento final, que gera grande expectativa para todos.

DESENVOLVIMENTO

Neste projeto, é importante que os estudantes saibam, desde o início, que no final realizarão uma apresentação para o público (pode ser a família, outros estudantes ou a comunidade da escola). Tudo depende do espaço e do tempo que vocês terão para se dedicar a isso. Faça com eles um convite para distribuírem aos convidados, informando o nome da peça, a data, o local e o horário em que será apresentada.

A escolha do local em que acontecerá a apresentação também é importante. No pátio da escola? Em alguma sala? Ou, ainda, se tiverem oportunidade e possibilidade, em um lugar externo, como uma praça vizinha à escola? Ao escolher um local, retomem o que foi trabalhado ao longo do ano sobre as possibilidades de espaço teatral. Veja se há espaço suficiente para o grupo, se há espaço para o público e se há espaço para o cenário.

ENCERRAMENTO

Depois, leve os estudantes e o cenário construído para um ensaio no local escolhido. Ensaiar onde a cena vai acontecer é diferente de ensaiar na sala de aula, por isso é importante que eles vivenciem o espaço antes da apresentação. Dependendo do tamanho da história, vocês podem precisar de mais ou menos tempo para ensaiar. Guarde o cenário para que ele possa ser usado na apresentação. Na data combinada, eles devem apresentar a peça.

Para finalizar, oriente os estudantes para que façam um desenho sobre o que mais gostaram no processo de construção do cenário.

UNIDADE 3

PLANO DE AULA: O CARNAVAL E SEUS LUGARES, SONS E CORES

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR13
- EF15AR14
- EF15AR25

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- desenvolvimento de vocabulário;
- consciência fonológica;
- produção de escrita.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Manifestações populares.

Objetivo: Conhecer algumas características do Carnaval brasileiro.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

INTRODUÇÃO

Os estudantes irão estudar aspectos do Carnaval e conhecer sua origem e características específicas em alguns estados: Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

DESENVOLVIMENTO

Nesta atividade, conheceremos algumas características localizando-as em cada estado em que aparecem. Para isso, usaremos as imagens que estão no encarte da página 31, que representam essas diferentes características.

Antes de ir para o encarte, converse com os estudantes acerca dos seguintes aspectos sobre o Carnaval:

- o frevo é o ritmo mais tocado em Pernambuco, e lá existem os clubes de bonecos, que são blocos carnavalescos que desfilam com um boneco gigante homenageando alguém importante para o bloco;
- os afoxés, os blocos afro e os trios elétricos são representantes importantes do Carnaval da Bahia;
- os desfiles das escolas de samba, que se iniciaram a partir dos blocos no Rio de Janeiro e se espalharam por diferentes lugares, são os maiores ícones do Carnaval brasileiro, atraindo pessoas do mundo inteiro para assisti-los. Os carros alegóricos são uma das maiores características desse desfile.

ENCERRAMENTO

Os estudantes devem recortar cada imagem para colar na região correspondente.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Manifestações populares.

Objetivo: Conhecer características dos ritmos do Carnaval de algumas regiões do país.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Material: DA EDITORA DO BRASIL

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

INTRODUÇÃO

Cada região tem sua música típica para o Carnaval, e cada ritmo tem características próprias. Nesta atividade, nos aprofundaremos em alguns desses ritmos através de um exercício de apreciação musical. Por meio da escuta, os alunos identificarão instrumentos, perceberão o andamento e algumas características de diferentes gêneros.

DESENVOLVIMENTO

Alguns dos gêneros mais conhecidos do Carnaval brasileiro são a marchinha, que se originou no Rio de Janeiro e se espalhou pelo resto do país; o frevo pernambucano; o afoxé e o samba-reggae, na Bahia; o samba-enredo, no Rio de Janeiro.

Se você tiver acesso à internet na aula, procure músicas dos gêneros afoxé, frevo de rua e frevo-canção para os estudantes conhecerem e identificarem as características de cada um.

Eles não precisam saber exatamente qual é o instrumento musical, mas devem tentar reconhecer se os instrumentos que estão tocando são somente instrumentos de percussão ou se há variedade, como instrumentos de sopro ou de cordas.

Devem observar também se é uma música instrumental, ou seja, se ela é tocada apenas por instrumentos ou se há letra.

Outro ponto que podem perceber é se a música tem um refrão, aquela parte que se repete várias vezes, e se é uma música agitada ou mais lenta.

Faça o mesmo exercício de escuta e apreciação com outros gêneros tocados no Carnaval, como a marchinha, o samba-reggae e o samba-enredo, pedindo que escrevam no caderno as características que perceberem. As marchinhas costumam ser tocadas pelos diversos instrumentos presentes nos blocos: são comuns os instrumentos de percussão e, frequentemente, os de sopro e os de corda. Geralmente as canções têm um andamento médio, nem tão rápido nem tão lento, com refrões e rimas em suas letras.

Nos blocos afro, são usados apenas instrumentos de percussão: surdos com tamanhos e alturas diferentes, caixa (ou tarol), repique e timbal. Também é comum haver refrões nas canções, e o andamento delas é médio-lento.

Já o samba-enredo tocado pelas escolas de samba é uma canção com andamento muito rápido. Sua letra é bem comprida e geralmente conta com um refrão. A bateria das escolas de samba é composta de instrumentos de percussão (surdos, caixas, repiques, chocalhos, cuícas,

agogôs, tamborins e reco-recos), em geral acompanhados por instrumentos de cordas, como violão, violão de sete cordas, cavaquinho e bandolim.

PLANO DE AULA: O CARNAVAL DA MINHA FAMÍLIA

Duração: 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- (EF15AR13)
- (EF15AR14)
- (EF15AR25)

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- desenvolvimento de vocabulário;
- consciência fonológica;
- produção de escrita.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Manifestações populares.

Objetivo: Ampliar os conhecimentos sobre o Carnaval por meio de uma pesquisa feita com os familiares.

Material: MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Onde fazer: Entrevista em casa, reflexões em sala de aula.

INTRODUÇÃO

As manifestações populares são fundamentais na cultura do país, e uma das formas de mantê-las vivas é não deixar de escutar o que os mais velhos têm a dizer sobre elas.

Em grande parte, o que fazemos, cantamos e vestimos são heranças de nossos antepassados que permanecem conosco por meio da tradição oral. Nas próximas atividades, os estudantes farão uma entrevista com os familiares para comparar o Carnaval da infância deles com o Carnaval que

os estudantes conhecem. Peça que entrevistem mais de uma pessoa da família, de preferência as mais velhas, para coletarem mais informações.

DESENVOLVIMENTO

No primeiro momento, peça a eles que conversem mais genericamente sobre o Carnaval para que os familiares resgatem recordações de como era o Carnaval na infância deles.

Peça que perguntem se moravam na cidade atual quando crianças, se era na própria cidade que costumavam passar o Carnaval ou se frequentavam outra cidade durante essa festa; se iam com os pais ou outros familiares e/ou amigos, se brincavam nas ruas ou em salões, se usavam fantasias e adereços, brinquedos de água, confete e serpentina.

Oriente-os para que façam perguntas sobre alguma curiosidade ou história interessante do Carnaval. Eles devem registrar as respostas no caderno e responder à questão 2 no livro.

ENCERRAMENTO

Retome a atividade em sala depois que os estudantes fizerem a pesquisa, pedindo que contem suas descobertas sobre o Carnaval dos familiares. Eles brincavam da mesma forma que os estudantes brincam hoje? A que conclusão chegaram? Peça que contem as curiosidades que registraram e comparem as respostas que trouxeram, para analisar se os familiares contaram coisas parecidas ou diferentes.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Manifestações populares.

Objetivo: Ampliar o conhecimento sobre as marchinhas carnavalescas.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Entrevista em casa, reflexões em sala de aula.

INTRODUÇÃO

Nesta página, a pesquisa será sobre marchinhas de Carnaval. Queremos saber se tanto os estudantes quanto seus familiares conhecem alguma marchinha.

DESENVOLVIMENTO

Os estudantes conversarão com seus familiares para saber se conhecem marchinhas de Carnaval. Oriente-os para que perguntem se as marchinhas faziam parte do Carnaval que a família frequentava e, em caso positivo, se eram tocadas por bandas ou se eram gravações executadas nos bailes de Carnaval.

Eles deverão pedir auxílio para a transcrição de uma letra de marchinha conhecida tanto por eles como pelos familiares.

Avise-os de que, caso os familiares não se lembrem de nenhuma letra de marchinha, eles podem, juntos, pesquisar na internet e escolher alguma de que gostem.

Explique aos estudantes que as marchinhas carnavalescas, assim como muitas outras canções de nossa música popular, costumam conter um refrão, ou seja, uma parte que se repete várias vezes, e rimas ao final dos versos. Peça a eles que tentem localizar o refrão da marchinha que transcreveram, e escrevam esses versos no livro.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO ENCERRAMENTO DA EDITORA DO BRASIL

Em sala de aula, os estudantes lerão a letra para a turma ou, se preferirem, podem cantá-la.

Faça um levantamento das marchinhas que a turma recolheu e, com os estudantes, verifique se houve alguma que foi mais citada e alguma que apenas uma pessoa escreveu; se possível, busque na internet as músicas mencionadas para que a turma conheça.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Manifestações populares.

Objetivo: Ampliar os conhecimentos sobre a estrutura de refrão e rimas das marchinhas.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Os estudantes devem tentar identificar se existem rimas nos versos, escrevendo no livro as palavras que rimam.

Para complementar esse trabalho sobre refrão e rimas, faça uma outra atividade.

Peça aos estudantes que lembrem de alguma canção de que gostem que contenha rimas e um refrão. No repertório musical tradicional infantil, há vários exemplos de canções com esses elementos, mas vale qualquer canção, contanto que seja adequada para a idade.

Para ajudá-los, você pode separar algumas músicas conhecidas que tenham rimas e um refrão e mostrar como exemplo.

Eles irão escrever a letra da música escolhida no caderno e destacar com cores diferentes o refrão e as rimas que encontrarem.

ENCERRAMENTO

Depois de escritas as letras, cada estudante irá ler ou cantar para a turma a música que escolheu, para que os colegas identifiquem o refrão e as rimas. Se achar que não haverá tempo suficiente para todos lerem, faça um sorteio para selecionar alguns estudantes.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Manifestações populares.

Objetivo: Ampliar os conhecimentos sobre fantasias de Carnaval por meio de uma pesquisa feita com os familiares.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Entrevista em casa, reflexões em sala de aula.

INTRODUÇÃO

Agora iremos falar de outro elemento importante do Carnaval, a fantasia. As fantasias fazem parte do Carnaval desde o início, configurando-se um momento em que todos se sentem livres para vestir outras roupas e se transformar no que quiserem, um ídolo, um super-herói ou personagens dos mais variados tipos.

DESENVOLVIMENTO

Nesta atividade, os estudantes conversarão sobre fantasias e adereços com os familiares.

Oriente-os para que façam perguntas como:

- Era comum as pessoas se fantasiarem nos carnavais? Quais eram as fantasias mais usadas? E você, gostava de se fantasiar? Do quê? Quem fazia suas fantasias?
- Quais outros adereços eram usados antigamente?

Depois dessa investigação, os estudantes deverão dizer se as fantasias que os familiares lembraram eram iguais às que eles conhecem hoje em dia, se eram os mesmos personagens e adereços, ou se eram muito diferentes.

Então, farão um desenho de uma fantasia citada pelos familiares e outro de uma fantasia da qual eles gostem.

Como proposta alternativa, estimule-os a inventar uma fantasia original, diferente das tradicionais, no espaço indicado no livro ou em uma folha de papel à parte. Eles podem dar um

nome para a fantasia e dizer em que se inspiraram para criá-la.

ENCERRAMENTO

Quando trouxerem o desenho para a sala, peça que o compartilhem com os colegas e observem se houve algum tipo de fantasia ou personagem que foi mais comum, tanto nas fantasias de antigamente quanto nas atuais.

UNIDADE 4

PLANO DE AULA: DANÇAS E BRINCADEIRAS DE OUTRAS ÉPOCAS

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR08
- EF15AR09
- EF15AR11
- EF15AR25

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- desenvolvimento de vocabulário;
- produção de escrita.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Brincadeiras populares.

Objetivo: Perceber as influências da cultura europeia na dança.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

INTRODUÇÃO

O objetivo da atividade é estabelecer relações entre as partes e o corpo inteiro por meio das brincadeiras. Os estudantes vão experimentar

diferentes formas de orientação no espaço, como deslocamentos com mudança de nível e direção e propostas com ritmos variados, do lento ao rápido, o que estimulará a consciência corporal deles.

DESENVOLVIMENTO

Em *Jogos infantis*, o pintor Pieter Bruegel retrata brincadeiras da Idade Média populares até hoje, como “pular corda”, “cavalo de pau”, “cabra-cega” etc. Elas podem inspirar os estudantes na hora de escolher uma brincadeira. Reserve 20 minutos para a atividade, podendo repeti-la quantas vezes for necessário.

A cantiga da brincadeira sugerida na atividade 1cdiz: “Eu comas quatro, eu comela, eu semela, nós por cima, nós por baixo”. Reserve por 10 minutos para essa prática. Ela utiliza a mesma formação da *quadrille* europeia e do moçambique africano. Se for preciso, ajude os estudantes a se organizar quanto às posições na formação, mas a princípio observe como farão sozinhos. Esse gerenciamento interno confere autonomia a eles. Caso seja necessário, desenhe um círculo no quadro e anote, no sentido horário, as posições de 1 a 4 iniciando pelo ponto de baixo. Ao formarem as rodas, o estudante 1 deve estar de frente para o quadro e na frente do número 3, que estará de costas para o quadro. Eles começam batendo palmas por cima, enquanto os das posições 2 e 4 comemoram por baixo. Assim, haverá uma alternância entre a posição no quadro e o código da movimentação dos braços.

ENCERRAMENTO

Após repetirem a brincadeira nas velocidades lenta, normal e rápida, peça que ponham a mão direita no centro da roda para, juntos, darem meia-volta, trocando de posição com o par da frente. Repita a brincadeira nas três velocidades e, por fim, peça que façam mais um quarto de volta para trocar a função de iniciar por cima ou por baixo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Danças sociais.

Objetivo: Ampliar conhecimentos referentes às partes do corpo nas danças sociais.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula, pátio ou quadra da escola.

INTRODUÇÃO

O objetivo da atividade é conhecer as danças campestres e criar movimentos de modo individual, coletivo e colaborativo considerando os aspectos estruturais e expressivos da “dança do olá”. Estimule o trabalho com os dois lados do corpo e incentive a relação social entre os estudantes sob a ótica da diversidade.

DESENVOLVIMENTO

Você pode ensinar a canção enquanto demonstra a dança ou primeiro passar a canção e depois os movimentos. Peça a um estudante que ajude na demonstração da dança para o grupo. Forme uma roda com todos em pé, voltados para o centro, e peça que, de dois em dois, eles se virem um de frente para o outro. Se estiverem em número ímpar, você deve participar da roda.

O aceno de mão é feito a distância. O gesto serve para trabalhar a lateralidade e a tridimensionalidade dos giros. Eles vão fazê-lo primeiro com a mão direita e, depois, com a esquerda.

Quando se diz “Eu vou bem”, bate-se com a mão no próprio peito, primeiro com a direita e depois com a esquerda, afirmando quem está falando.

No “E você, vai bem também!”, a versão simples da brincadeira de mão é bater palma na frente do peito e palma com palma com a pessoa da frente duas vezes. É o que chamamos de homólogo, quando os lados do corpo fazem o

mesmo movimento. No entanto, sugerimos alternar direita e esquerda.

Depois, eles vão enlaçar o braço direito no braço direito da pessoa da frente: basta um apoiar a mão na cintura e o outro passar o braço por dentro, mantendo o cotovelo flexionado, e girar sem se soltar. Em “Legal, legal, legal...”, devem praticar o giro em dupla, com os braços enlaçados.

Como a música tem compassos de oito tempos, a cada frase de “Legal... legal! Hey!”, acontecem duas voltas completas para finalizar no local onde se iniciou.

No fim das voltas para a direita, os estudantes irão soltar os braços e jogá-los para cima ao exclamar “Hey!”; então, tornarão a enlaçar os braços do lado esquerdo para repetir as voltas no outro sentido, até terminar na posição inicial.

ENCERRAMENTO

Após aprenderem os movimentos praticando com uma dupla, peça que troquem de par, mas só proponha isso quando a maioria dos estudantes conseguir terminar no ponto em que começaram após os giros do “Legal... legal! Hey!”. Esse é o indicador de que a troca de pares pode ser feita. Assim, a estrutura da dança estará completa e coerente com a proposta do trabalho com as danças sociais, nas quais, conhecendo os “códigos”, é possível dançar com qualquer par.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL PLANO DE AULA: A CONSTRUÇÃO DA QUADRILHA

Duração: 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR08
- EF15AR09
- EF15AR11
- EF15AR25

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- desenvolvimento de vocabulário;
- produção de escrita.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Quadrilha junina.

Objetivo: Perceber as influências da cultura europeia na dança.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Crie com os estudantes detalhes de trajes de Festas Juninas. Vestidos de matuto ou de caipira, como se diz fora do Nordeste, as roupas das Festas Juninas foram inspiradas nos saloios, nome dado aos habitantes das zonas rurais de Lisboa, em Portugal. Essa é a origem dos vestidos de quadrilha. No Brasil, esses vestidos passaram a ser confeccionados com tecidos mais leves, coloridos e chamativos, principalmente a chita.

Em algumas quadrilhas, os trajes tornaram-se extremamente elaborados. No entanto, criar adornos simples com os estudantes é muito interessante: alinhar ou colar um remendo na calça, combinar de todos usarem um lenço do mesmo tecido, fazer uma gravata maluca e pintar bigodes são algumas ideias que mudam temporariamente a fisionomia e o modo de se portar, possibilitando que se crie um personagem de si mesmo. Caso as vestes da sua região sejam as tradicionais juninas, como torná-las alegóricas ou apresentá-las como roupas de festas? Estimule a imaginação dos estudantes.

ENCERRAMENTO

É preciso se ater a alguns detalhes para que os trajes sejam confortáveis, e, principalmente, não atrapalhem a movimentação. Os chapéus de palha devem ter uma fita que os prenda embaixo do queixo para não caírem durante a dança.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Quadrilha junina.

Objetivo: Refletir sobre a arte como atividade social, coletiva.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Na etapa 1, seguiremos aprofundando a observação, a reflexão, a investigação e a criação baseados nos elementos da quadrilha, a mais popular dança das Festas Juninas. A data comemorativa no calendário escolar pode reforçar temas estudados e ser aprofundada como meio de valorização de nossa cultura. Logo, o enfoque será a quadrilha, mas, antes dela, muitas outras danças, como dança de boi, maracatu, jongo, marabaixo, congada, entre outras, podem ser apresentadas por grupos menores. Escolhemos a quadrilha porque é uma dança que convida todos a participarem. É o grande baile!

ENCERRAMENTO

Várias equipes vão desenvolver em um projeto artístico os elementos das artes visuais, da música, do teatro e da dança. Os estudantes, de acordo com cada nível, podem se reunir em equipes de trabalho para colaborar com o tema da festa associando suas roupas e coreografias ao contexto geral. Depois, eles desenharão a festa junina conforme a idealizaram.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Quadrilha junina.

Objetivo: Ampliar conhecimentos referente às partes do corpo nas danças sociais.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Pátio ou quadra da escola.

INTRODUÇÃO

A partir da **Sequência didática 2**, serão apresentadas as formações em grupo atentando-se para as direções da frente do corpo no espaço na fila, na linha e na roda. Essas formações acontecem nas danças de baile e são fundamentais para organizar a quadrilha.

DESENVOLVIMENTO

Muitas danças foram herdadas das festas da aristocracia francesa. O “balancê” indica o baile: é o passo básico que acontece em todos os comandos na quadrilha. O “alavantu” (*en avant tous*: “todos para a frente”) é falado para os pares se aproximarem para o cumprimento; e *anarriê* (*en arrière*: “para trás”) para as pessoas retornarem ao seu lugar, afastando-se do par. No *tour*, os pares caminham em fila lado a lado, balançando no ritmo da música. Há versões em que um integrante do par segura na cintura do outro, que por sua vez apoia as mãos no ombro do primeiro, mas na escola é comum fazer com os pares andando de braços dados.

No cumprimento, assim que os cavalheiros se aproximam dos respectivos pares, podem se ajoelhar ou simular essa intenção, acenando com o chapéu e, em seguida, voltar dançando de costas. As damas, assim que se aproximam dos respectivos pares, andam para a frente e fazem uma reverência com um gracejo de cabeça, de ombro, simulam sutilmente a intenção de ajoelhar e balançam a saia.

É importante lembrar que, em turmas cujo número de meninas e meninos não seja igual, podem ocorrer pares de crianças do mesmo gênero. Há também a possibilidade de deixar as crianças livres para fazerem par com os colegas com quem têm mais afinidade, independentemente do gênero. É preciso cuidado para que todos se sintam confortáveis em seus papéis, sem preconceito ou *bullying*.

ENCERRAMENTO

Para ensaiar, tenha à mão um apito, a fim de dar o aviso sonoro no momento de narrar os códigos. Criar modos de balançar, caminhar e cumprimentar é a parte mais importante do processo. São os estímulos para explorar movimentos, sem se preocupar se estão bonitos ou feios, que ajudarão os estudantes a “entrar” no personagem e brincar de ser alguém diferente.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Quadrilha junina.

Objetivo: Criar movimentos usando elementos de largo alcance.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Pátio ou quadra da escola.

INTRODUÇÃO

Chegou o momento de os estudantes conhecerem a parte do galope. O galope de mãos dadas é o convencional. A imagem de andar de lado como um caranguejo pode ser misturada com os saltos do sapo para formar a imagem de um cavalo maluco. Essas sugestões ajudam a orientar as crianças durante o tempo que conferem a dramatização característica das Festas Juninas brasileiras.

DESENVOLVIMENTO

Para criar diferentes formas de se deslocar no galope, os estudantes podem ir lado a lado com sua dupla, mas sem dar as mãos, conferindo mais liberdade para girar, fazer estrela, fazer uma passagem por baixo, enfim, brincar no corredor.

Para o túnel, normalmente a noiva vai na frente. Quando sai, ela segura na mão do noivo, que segura na mão de quem saiu atrás dele, até

se formar a grande roda. Caso queiram fazer o caracol, ela solta a mão do noivo e vai andando de lado e passando de costas, primeiro, na frente dele e, então, segue puxando o grupo em movimento de espiral para dentro da roda. Quando estiver quase chegando ao centro, ela faz um meio giro e segue puxando o grupo no caminho de volta. Nesse momento, é interessante ela olhar nos olhos de todos que estão na quadrilha até formar novamente a grande roda.

Depois, os pares entram lado a lado e, no final, saem de braços dados para um tour, até todos estarem nas filas de pares e os avisos da chuva, da cobra e da ponte comecem.

Algumas falas do narrador fazem parte do imaginário dos sertanejos brasileiros e estimulam a expressividade corporal nos estudantes, conferindo identidade à nossa quadrilha. O narrador diz: “Olha a chuva!” e todos dão meia-volta para o lado de onde vinham, colocando a mão na cabeça, até ele dizer: “Já passou!”. Então, todos dão meia-volta e dizem: “Ahhhh...”. O narrador espera um tempo e, então, diz: “Olha a cobra!”. As reações podem ser: um pular no colo do outro ou ambos saltarem e gritarem até ele dizer que já a capturaram. Todos reagem com “Ahhhh...”. Finalmente, o narrador diz: “A ponte quebrou!” e todos dão meia-volta até ele dizer que já foi consertada. Todos dizem: “Ahhhh...” e voltam a dançar no sentido do baile.

ENCERRAMENTO

A quadrilha vai caminhando para o fim, com todos em roda, de mãos dadas para as saudações. O narrador fala o nome dos santos, pede um viva para os noivos e para os convidados. Os participantes respondem com “Viva!”. Depois, acontece o grande baile, em que todos dançam juntos até se despedirem.

Na atividade 4, o “susto na sombra” busca criar meios de brincar com alguém e perceber as reações que o susto nos causa: cada pessoa reage de um modo. Após a brincadeira, sentem-se em roda para conversar sobre a experiência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2012.

O livro apresenta pontos significativos que geraram mudanças no ensino da Arte nos últimos anos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

A BNCC é o documento do Ministério da Educação que define as aprendizagens, competências e habilidades que todos os alunos do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

Institui a Política Nacional de Alfabetização, cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional.

CHIOVATO, Milene. *O professor mediador*. In: FUNDAÇÃO VERA CHAVEZ BARCELLOS. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/08/01-Professor-Mediador.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

O texto indica caminhos para a prática docente em Arte ao abordar os vários papéis assumidos pelo professor em sua atuação cotidiana e as particularidades da atividade docente.

COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Massangana, 2011.

O autor aborda o receio de apreciar a arte contemporânea e se expressar em relação a ela, ressaltando que a necessidade de entender tudo rapidamente acaba atrapalhando o percurso.

LEENHARDT, Pierre. *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Editora Estampa, 1974

O autor comenta as inúmeras possibilidades de trabalhar a expressão dramática com crianças.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha T. *Didática do ensino da Arte: a língua do mundo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1998.

As autoras abordam uma visão contemporânea do ensino de Arte propondo reflexões sobre a linguagem artística, a produção e a leitura em arte.

MÖDINGERR, Roberto et al. *Práticas pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade*. Porto Alegre: Edelbra, 2012. (Coleção Entre Nós: Anos Iniciais – Ensino Fundamental).

Esse livro apresenta sugestões de trabalho das quatro linguagens da arte, com o objetivo de proporcionar oportunidades de produzir, apreciar, contextualizar e compreender a arte como construção social e cultural.

PILLAR, Analice (org.). *Educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

A autora aborda a importância de saber ler obras, cenas, situações enfatizando que aquilo que se vê não é o dado real, mas o que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do que foi visto.

REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. São Paulo: Scipione, 2002.

Nesse livro, a autora traz diversos exercícios e jogos teatrais que podem ser trabalhados na escola. O intuito é ampliar as possibilidades de trabalhar relacionamento de grupo, espontaneidade, imaginação, observação e percepção.

SANT'ANNA, Renata. *Saber e ensinar arte contemporânea*. São Paulo: Panda Books, 2014.

A autora aborda temas que dialogam com a prática do ensino de arte contemporânea fundamentada em repertório e atividades.

SLADE, Peter. *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1987.

O autor faz um paralelo entre a forma pela qual a criança representa espontaneamente, na brincadeira, e o teatro.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

A autora esclarece como o jogo pode ter uma extraordinária função pedagógica, traduzindo esse potencial da ludicidade num poderoso instrumento de aprendizagem.

BEM-ME-QUER

mais

ARTE

LIVRO de

PRÁTICAS

e ACOMPANHAMENTO da

APRENDIZAGEM

Maria Helena Webster (Coordenação)

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio
Formadora de coordenadores e professores em Arte
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

Dafne Sense Michellepis

Formada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Alra América
Certificada pelo San Francisco International Orff Course (SFORFF)
Artista de dança, pesquisadora e arte-educadora
Professora especialista de dança no ensino formal
Mediadora em cursos de extensão sobre corpo e movimento na educação

Mairah Rocha

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)
Cantora e percussionista corporal
Educadora musical
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

Maucha Rocha Barros

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Stella Ramos

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



Ensino Fundamental
Anos Iniciais
Arte

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição
São Paulo, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais : arte, 3º ano : livro de práticas e acompanhamento da aprendizagem / Dafne Sense Michellepis...[et al.] ; Maria Helena Webster (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2021. -- (Bem-me-quer mais arte)

Outras autoras: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros, Stella Ramos.
ISBN 978-65-5817-804-0

1. Arte (Ensino fundamental) I. Michellepis, Dafne Sense. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha. IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena. VI. Série.

21-77978

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

© Editora do Brasil S.A., 2021
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Erika Caldin

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de artes: Andrea Melo

Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Silva

Supervisão de iconografia: Léo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Gabriela Hengles

Edição: Ana Okada e Mariana Tomadossi

Assistência editorial: Felipe Adão e Marcelo Nardeli

Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Bianca Oliveira, Fernanda Santos, Gisele Oliveira, Jonathan Busato, Mariana Paixão, Martin Gonçalves e Rosani Andreia.

Pesquisa iconográfica: Mariana Paixão

Design gráfico: Estúdio Chaleira - Cristiane Viana

Capa: Caronte Design e Patrícia Lino

Edição de arte: Aline Maria, Gisele Oliveira, Patrícia Lino e Talita Lima

Assistência de arte: Letícia Santos

Ilustrações: Diogo Ferreira e Fabiano Moura

Produção cartográfica: Sônia Vaz

Editoração eletrônica: Studio Layout Ltda.

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini

Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2021



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

OLÁ, TUDO BEM?

O percurso pelas artes pode te levar a observar os lugares onde vive, explorar suas características, interagir e encontrar novas formas de se relacionar com eles por meio da linguagem artística.

Agora convidamos você a relembrar suas experiências, fixando conceitos e ampliando conteúdos e possibilidades relacionadas aos temas trabalhados. Este material foi desenvolvido para que você realize muitas atividades práticas, coloque a “mão na massa” e reflita sobre o que aprendeu até aqui e sobre a forma que se expressa.

Você fará muitas novas descobertas!
Boas práticas!

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



SUMÁRIO

UNIDADE 1 • Explorando

territórios	5
O que vamos explorar?	5
Para revisar e reforçar	6
Investigação sobre o território da escola	6
Para ampliar	8
Como é o lugar que queremos?	8

UNIDADE 2 • Espaços cênicos .. 11

O que vamos explorar?	11
Para revisar e reforçar	12
Os lugares e palcos do teatro	12
Para ampliar	14
Criando uma história a partir de um lugar... 14	

UNIDADE 3 • Os nossos

carnavais	17
O que vamos explorar?	17
Para revisar e reforçar	18
O carnaval e seus lugares, sons e cores	18
Para ampliar	20
O carnaval da minha família	20

UNIDADE 4 • A dança ontem

e hoje	23
O que vamos explorar?	23
Para revisar e reforçar	24
Danças e brincadeiras de outras épocas	24
Para ampliar	26
A construção da quadrilha	26

Referências	30
Material complementar	31

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EXPLORANDO TERRITÓRIOS

O QUE VAMOS EXPLORAR?

Quando pensamos em criação artística e no uso de materiais, muitas coisas podem vir à nossa mente: lápis, tintas, pincéis... Do mesmo modo, quando pensamos no suporte, ou seja, no lugar sobre o qual trabalharemos diretamente a criação, há muitas possibilidades: papéis, telas, até mesmo a lousa da sala de aula.

Nas próximas páginas, exploraremos outro procedimento, em que o espaço é o material de criação. Você já pensou no ambiente da escola como um lugar que possibilita uma criação?

Vamos explorar as relações criativas com o território da escola. Num primeiro momento, você irá registrar e explorar os espaços e as trajetórias, individualmente e com toda a comunidade escolar. Depois, é momento de ampliar sua ação em etapas de observação, investigação, experimentação e criação, partindo de como toda a coletividade se apropria do espaço para brincar.

As práticas das páginas a seguir propõem a exploração e a experimentação com diferentes aproximações por meio de instalações e intervenções no ambiente da escola. Isso significa que o principal material da turma será o espaço.

Use a imaginação e explore diferentes possibilidades. Criar arte pode envolver o emprego de muitos materiais, mas você já pensou em criar utilizando o próprio espaço?

Vamos usar elementos simples e acrescentar um elemento importante nessa exploração: nosso corpo. Ao observar e, depois, inventar brincadeiras que acontecem no território da escola, modificado pela ação de vocês, experimentamos aspectos preciosos de toda brincadeira: o da criatividade e o da invenção.



PARA REVISAR E REFORÇAR

INVESTIGAÇÃO SOBRE O TERRITÓRIO DA ESCOLA

O espaço em que habitamos nos afeta de diversas formas. Vamos fazer experiências para vê-las mais claramente e reforçar nossa relação com o ambiente da escola.



Alexandr Jitarev/Shutterstock.com

O giz de lousa deixa traços muito diferentes no chão.

- 1** Pense nos caminhos que você faz desde que entra pelo portão da escola. Por onde você costuma passar?

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

- 2** E se você tivesse um lápis sem tinta e você pudesse ver por onde andou ao longo do dia? Vamos criar um “lápis gigante” e marcar os locais em que você passa?
 - a)** Encontre um cabo de vassoura ou algum objeto longo e leve, que tenha o comprimento do chão até seu cotovelo. Prenda um giz de lousa na ponta. (Leve um giz reserva.)
 - b)** Agora, você deixará marcado o caminho que faz ao longo do dia. Comece ao entrar na escola. Segure o bastão deixando o giz traçar o caminho nos locais por onde passa. Você e os colegas fizeram uma instalação que revela os lugares mais usados pela turma! Qual foi o lugar mais usado? E o menos marcado?

Resposta pessoal.

3 Agora que você deixou sua marca no modo como ocupa a escola, é hora de fazer uma ação que leve as outras turmas a refletir sobre o assunto. Que tal mudar o caminho que você percorre diariamente?

a) Com os colegas, escolham um lugar movimentado, como o pátio ou um corredor. Pensem juntos num modo de criar um obstáculo nesse caminho, para que todos tenham de percorrer esse espaço de outra maneira. Vocês podem encher o espaço com cadeiras, caixas de papelão, bolas esportivas... Soltem a imaginação e planejem a intervenção temporária de vocês.



b) No dia e local combinados, coloquem os objetos um pouco antes do horário de maior movimento, para que consigam observar como o resto da escola se comportará no espaço, que agora oferece desafios. Ao final, pergunte a alguns colegas como foi a experiência. Escreva aqui as impressões deles.



Diogo Ferreira

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Resposta pessoal.

c) Depois, reúna-se com a turma e conversem sobre a experiência: O que acontece quando se modifica um espaço coletivo?

Resposta pessoal.



PARA AMPLIAR

COMO É O LUGAR QUE QUEREMOS?

Depois de experimentar instalações e intervenções e a sua relação com o espaço escolar, que tal ampliar o olhar para esse assunto? Vamos fazer uma criação coletiva; para isso, é preciso preparar o terreno em diversas etapas.

ETAPA 1

A primeira etapa consiste em observar. Faça uma visita ao recreio de outras turmas e observe tudo o que acontece.

- 1 Quais espaços os estudantes mais usam para brincar?

Resposta pessoal.

- 2 E quais são os espaços menos usados?

Resposta pessoal.

ETAPA 2

Depois de observar, é hora de investigar o que os colegas dizem sobre isso. Faça entrevistas em duplas. Vocês irão conversar com cinco a sete colegas, um por vez, e pedir a eles que respondam à pergunta:

- 1 Qual é sua brincadeira favorita na escola? Anote as respostas no caderno. *Resposta pessoal.*



- 2 Depois de recolher as respostas, o professor escreverá em um cartaz todas as brincadeiras citadas nas entrevistas. Você conhece todas as brincadeiras mencionadas?

Resposta pessoal.

- 3 Das brincadeiras levantadas nessa investigação, quais são suas favoritas? Por quê?

Resposta pessoal.



VisualGeneration/Shutterstock.com

ETAPA 3

Depois de investigar as brincadeiras mais comuns na escola e entrevistar colegas sobre as brincadeiras favoritas deles, é hora de fazer um experimento. Você e os colegas escolherão duas ou três das brincadeiras que foram citadas na investigação.



Pond Saksi/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL
Brincar ao ar livre é diferente de brincar dentro de casa? Ou depende da brincadeira?

Em seguida, é hora de brincar! Ponham em prática as brincadeiras mais votadas, com um detalhe: vocês devem brincar nos lugares menos usados da escola, citados na primeira etapa.



1 Depois de brincarem, sentem-se juntos, em roda, para refletir: Vocês sentem que o lugar onde brincam interfere na brincadeira?



Resposta pessoal.

2 Isso é válido para todos os casos ou a resposta muda dependendo da brincadeira escolhida? *Resposta pessoal.*

3 Na sua escola, você sente que os espaços dialogam bem com as brincadeiras de vocês? *Resposta pessoal.*

ETAPA 4

Depois das etapas de observação, investigação e reflexão, chegou a hora de criar! Nossa instalação vai ser muito divertida: vamos criar uma brincadeira a partir do espaço que temos!



Anurak Pongpatime/Shutterstock.com



roibu/Shutterstock.com

Quais espaços da sua escola você mais conhece? Em quais lugares você mais gosta de ficar?

- 1 Pense com os colegas no espaço da escola que desejam usar e em uma brincadeira que não foi mencionada nem na observação de vocês, nem na investigação. Registre a brincadeira aqui.



[Resposta pessoal.](#)

- 2 Vocês podem pegar uma brincadeira que já existe e fazer mudanças nela para usar melhor o espaço. Um exemplo divertido é uma "amarelinha" com obstáculos. As casas podem ser mais distantes umas das outras, para proporcionar um tipo de desafio. Escreva aqui a mudança que vocês farão.

[Resposta pessoal.](#)

- 3 Vocês podem ainda esticar várias fitas entre espaços próximos, criando desafios para que os colegas atravessem os espaços por cima, por baixo, pelo meio... soltem a imaginação! Usem o que estiver disponível: cadeiras, tecido, fita, giz ou simplesmente o corpo e o espaço! Registre os materiais escolhidos.

[Resposta pessoal.](#)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ESPAÇOS CÊNICOS

O QUE VAMOS EXPLORAR?

O teatro pode acontecer em diversos lugares: em espaços fechados, em teatros abertos como as arenas gregas, nas ruas ou em vários outros espaços.

Cada espaço tem as próprias características, que interferem na realização da peça teatral. Certamente fazer uma peça de teatro em um local pequeno e escuro, onde os atores ficam de frente para a plateia, é muito diferente de encená-la em um ambiente aberto, grande, com público por todos os lados!

Os teatros de arena, onde ocorreram as comédias e tragédias gregas no início do teatro ocidental, eram enormes e o público ficava em torno do palco. Os atores, em geral, usavam máscaras para ampliar sua expressão e voz. O teatro de palco italiano surgiu bem depois, em um período conhecido como Renascimento. É o tipo de teatro que estamos mais acostumados hoje, com a plateia de frente para o palco, cortina e um ambiente menor, que pode ficar escuro e ser iluminado de diferentes formas. Nele, os atores ficam um pouco mais próximos do público. Já na rua, o teatro ocorre ao mesmo tempo que passam pessoas, carros, cachorros... além de o cenário da peça se misturar com a paisagem da rua!

E o cenário? Ele é o ambiente da cena! É o conjunto de elementos que ajuda a desenvolver um ambiente para a cena.

Nas páginas a seguir, vamos falar dos espaços do teatro: onde ele acontece e como o cenário contribui para criar o espaço cênico.

Em seguida, será o momento de ampliar a aprendizagem sobre o teatro e o espaço: a partir da escolha de um lugar e da construção de um cenário, vocês irão inventar uma história para ser representada! E, no meio disso tudo, você será convidado a visitar os lugares importantes de sua vida!



PARA REVISAR E REFORÇAR

OS LUGARES E PALCOS DO TEATRO

Diferentes tipos de teatro podem acontecer em diversos lugares, mas existem dois tipos bastante comuns: teatro de arena e teatro de palco italiano, como podemos ver nas imagens a seguir.

1 Ligue a imagem de cada espaço teatral às características correspondentes.

Nataliya Nazarova/Shutterstock.com



Teatro de arena. Atenas, Grécia.

Ademar Filho/Futura Press



Teatro de palco italiano. Teatro Santa Isabel, Recife, Pernambuco.

Público de frente para o palco.

Público ao redor do palco.

Espaço aberto.

Espaço fechado.

Surgiu na Grécia Antiga.

Surgiu no Renascimento.

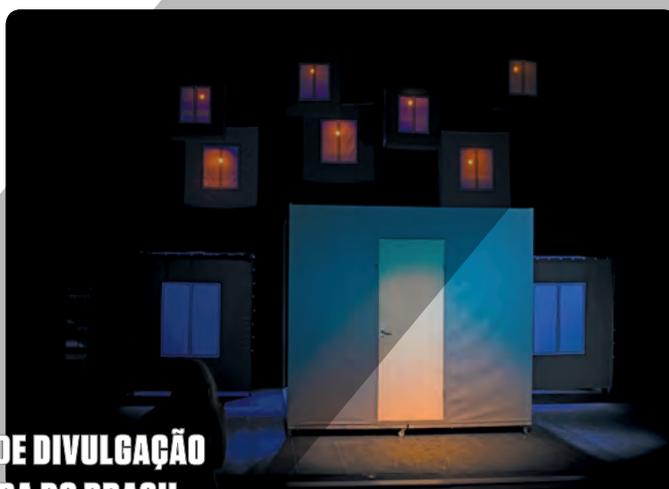
2 Esses espaços foram construídos especialmente para a realização de peças teatrais, mas elas também acontecem fora deles. Em sua opinião, que outros espaços são interessantes para a realização de peças teatrais? E onde você acha que não seria bom realizar uma peça teatral? Por quê? [Resposta pessoal.](#)



O cenário é um elemento que pode auxiliar a contar uma história. Apenas pelos elementos do cenário, já podemos imaginar um pouco dela.



Peça de teatro na China.



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Cenário montado para peça de teatro.

- 3** Forme um grupo com alguns colegas e sigam os passos abaixo.
 - 1.** Escolham um dos dois cenários das imagens acima.
 - 2.** Observem-no e imaginem que lugar é esse e qual história se passa lá.
 - 3.** Para que a história tenha relação com o cenário, observem todos os detalhes da imagem.
 - 4.** O desafio dos grupos é criar uma história ocorrida nesse cenário e improvisá-la sem usar o cenário.
 - 5.** Vocês terão de imaginar os objetos e tudo o que deveria estar no cenário escolhido.
 - 6.** Por fim, improvisem a história. Ao assistir à improvisação, a plateia deve tentar identificar qual foi o cenário escolhido.





PARA AMPLIAR

CRIANDO UMA HISTÓRIA A PARTIR DE UM LUGAR

Os cenários podem ser inspirados em lugares reais. Vamos pensar nos espaços de nossa vida que poderiam se transformar em cenários? Depois, crie uma história para esse lugar.

ETAPA 1

Em grupo, escolham um lugar importante para a vida de vocês para inspirar a criação de um cenário. [Respostas pessoais.](#)



- 1 Para decidir o lugar, conversem sobre lugares que vocês costumam frequentar e que são especiais para vocês.

- Qual o lugar escolhido? _____.
- Quais as principais características dele? _____.

- 2 Pensem em como seria o cenário do lugar e façam um esboço em uma folha à parte bem grande.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Diogo Ferreira

ETAPA 2

Pensem em uma história que poderia se passar nesse lugar.

- 1 Registre os personagens e o que irá ocorrer na história:

[Resposta pessoal.](#)

ETAPA 3

Com o lugar escolhido e a história inventada, é hora de pensar na construção do cenário. Retomem o desenho feito anteriormente.

- 1 Escolham elementos que precisam existir no cenário para ajudar a história. Por exemplo: Se vocês escolheram um parque, o que é preciso ter lá? Um balanço? Árvores?

Resposta pessoal.

- 2 Conversem sobre como fazer o cenário. Vocês usarão objetos reais ou irão pintar um painel? Ou usarão elementos nada realistas para representar o espaço?



- 3 Agora, planejem a construção do cenário. Vocês podem trazer de casa objetos para ajudar na construção. Anote aqui todos os detalhes que gostariam que aparecessem no cenário e os materiais que pretendem usar para construí-lo.

Resposta pessoal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

- 4 Em outra aula, juntem as ideias de todos e os materiais que vocês conseguiram. Mãos à obra para a construção do cenário!



ETAPA 4

Com o cenário e a história pronta, chegou a hora de ensaiar a peça! Dividam os personagens e preparem os ensaios!

- 1** Observem se o cenário está de acordo com a história. Vocês estão se relacionando com os elementos dele? Esses elementos ajudam a definir os espaços de cena ou atrapalham a movimentação? Façam ajustes no cenário, se necessário.
- 2** Escolher o local da apresentação também é importante. Lembre-se de que o teatro pode acontecer em diferentes espaços! Agora, pensem nos espaços da escola em que a apresentação pode acontecer. Registre aqui o local escolhido.



Lorelyn Medina/Shutterstock.com

Resposta pessoal.

- 3** Vocês podem convidar outras turmas da escola e seus familiares para assistir. Com o professor, decidam o dia da apresentação. Antes de ela acontecer, ensaiem com o cenário no espaço escolhido. Elaborem o convite numa folha de papel à parte. [Resposta pessoal.](#)



- 4** Desenhe no quadro abaixo o que você achou mais legal nesse processo de criação de cenas e apresentação teatral!

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



OS NOSSOS CARNAVAIS

O QUE VAMOS EXPLORAR?

Existem muitas festas populares no Brasil, que acontecem durante todo o ano. Algumas são específicas e só ocorrem em determinada região, outras, em todo o país.

O Carnaval é uma das principais festas populares do Brasil e há uma enorme diversidade de manifestações culturais conforme o local em que é festejado.

Nas páginas seguintes, conheceremos algumas formas de festejar o Carnaval de diferentes regiões do país, nos estados do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco. Cada região conta com músicas e danças específicas, e um jeito próprio de brincá-lo com fantasias, acessórios, água, espuma, confete e serpentina!

São muitas pessoas que trabalham o ano inteiro preparando as fantasias e adereços e ensaiando música e a dança para os desfiles que acontecem nos cinco dias de festa. O Carnaval do Brasil se caracteriza por reunir música, dança e artes visuais em suas manifestações artísticas, tornando-se um dos grandes eventos culturais reconhecido internacionalmente.

Aprenderemos também a origem do Carnaval no país e as influências europeias dessa festa popular tão importante de nossa cultura.

Para ampliar os estudos, você entrevistará seus familiares para descobrir as semelhanças e diferenças entre o Carnaval que eles brincavam antigamente e o que você conhece hoje. Você costuma brincar o Carnaval com sua família? Será que mudou muita coisa? Será que eles escutavam as mesmas músicas e usavam as mesmas fantasias? A partir dessa pesquisa, você também conhecerá um pouco a experiência de seus colegas com os familiares deles no Carnaval e compartilhará as suas. Vamos descobrir!



PARA REVISAR E REFORÇAR

O CARNAVAL E SEUS LUGARES, SONS E CORES

O Carnaval é uma festa que acontece há muito tempo, em vários países.

No Brasil é uma das festas mais importantes e reúne pessoas de diferentes países para brincar fantasiadas ao som de diversos tipos de música.

Apesar de tão famoso no país, a origem do Carnaval brasileiro está no Carnaval europeu. Foram os portugueses e italianos que trouxeram algumas festas tradicionais quando chegaram aqui, como o entrudo e as mascaradas. Então, essas tradições europeias foram se espalhando pelo território brasileiro, misturando-se com influências da cultura africana e indígena e se transformaram no Carnaval que conhecemos hoje.

O Carnaval de cada estado brasileiro tem as próprias características, mas, em todos, observamos brincadeira, música, dança, fantasias, adereços e instrumentos. E há também o desfile, que é feito de diversas maneiras.

No Rio de Janeiro, ocorrem os desfiles das escolas de samba, muito conhecidos por seus carros alegóricos, pelas fantasias exuberantes e pela dança dos participantes ao som do samba-enredo, um samba de andamento muito acelerado.

Na Bahia, podemos ver o desfile dos afoxés e dos blocos afro, cuja maior influência é a cultura africana, assim como os trios elétricos, que atraem milhares de pessoas para as ruas.

Já em Pernambuco a música mais famosa do Carnaval é o frevo, um ritmo também acelerado que agita as ruas, principalmente as da cidade de Olinda e Recife. É em Olinda que desfilam os clubes de bonecos gigantes, um dos cartões-postais do Carnaval pernambucano.



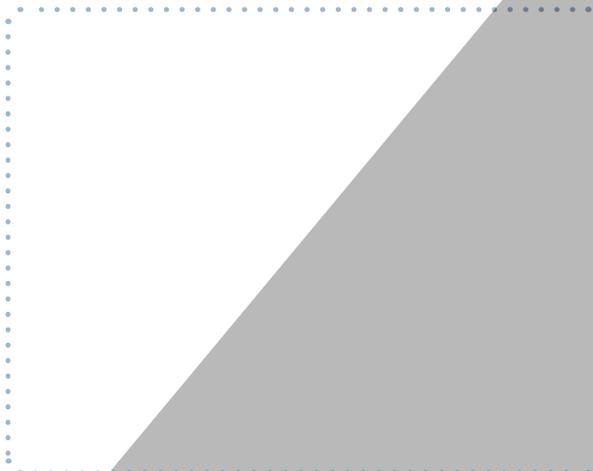
Pessoas mascaradas no carnaval de rua de Bezerros, Pernambuco.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1 Recorte as fotos do encarte da página 31, que representam o Carnaval de três estados brasileiros. Em seguida, cole-as nos espaços indicados abaixo, localizando o lugar em que ocorrem:

As fotos devem ser coladas de acordo com os elementos.
Pernambuco: bonecos de Olinda; Bahia: trio elétrico; Rio de Janeiro: desfile de escola de samba.

Rio de Janeiro



Bahia



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

Pernambuco



ETAPA 2

As marchinhas de Carnaval são muito conhecidas e cantadas em diversos carnavais pelo Brasil!

- 1** Você conhece alguma marchinha de Carnaval? Qual?

[Resposta pessoal.](#)

- 2** Seus familiares, quando crianças, cantavam marchinhas no carnaval? Escreva aqui a letra de uma marchinha que você e sua família gostem. Peça a ajuda de um familiar para escrever, caso precise. Na sala de aula, leia a marchinha em voz alta para os colegas.

[Resposta pessoal.](#)

ETAPA 3

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

DA EDITORA DO BRASIL

- 1** As letras de marchinhas carnavalescas costumam ter uma parte que se repete, que chamamos de **refrão**. Observe a letra da marchinha que você escreveu e responda:

- a)** Existe algum refrão? Se sim, como é?

[Resposta pessoal.](#)

- b)** Você reconhece algumas palavras que rimam? Se sim, quais são?

[Resposta pessoal.](#)

ETAPA 4

- 1 Pergunte a seus familiares que tipos de fantasias eram usadas no Carnaval que eles conheceram na infância. Eram iguais às que você conhece?



Resposta pessoal.

- 2 Faça dois desenhos: um de uma das fantasias citadas e outro de uma fantasia de que você goste. Depois, compartilhe os desenhos com os colegas e veja se há algum tipo de fantasia que foi mais lembrado pelos familiares e colegas.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A DANÇA ONTEM E HOJE

O QUE VAMOS EXPLORAR?

Nas páginas a seguir, exploraremos elementos da dança identificando sua história até os dias atuais. Olhando para trás, sabemos que a cultura indígena existe desde antes de o nosso país ser chamado de Brasil e, em vez do pátio de concreto, as crianças brincavam em contato com a natureza, nos rios, nas árvores e no chão de terra batida do centro das comunidades. Quando os portugueses chegaram, trouxeram jogos e cantigas europeias; depois, a mistura ficou ainda melhor com os ritmos das brincadeiras africanas. Tudo isso faz parte da cultura corporal, formada por movimentos que seu corpo já conhece.

Vamos partir daí para ampliar o conhecimento sobre jogos, brincadeiras e festas, fazendo pequenas atividades ficarem grandes, como a casa de um rei. Você observará a obra *Jogos infantis* para se inspirar. Ela parece atual, mas foi pintada em 1560 e mostra jogos e brincadeiras em um espaço aberto, retratando uma cena da cultura europeia que tanto influenciou a dança no Brasil.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Outras culturas também nos influenciaram, e o corpo sempre nos dá dicas sobre isso, por exemplo, pelo modo de as pessoas se cumprimentarem. Por isso, vamos experimentar transformar o ato de dizer “olá” para alguém em uma gostosa coreografia, prestando atenção nas mãos, nos braços, nos lados direito e esquerdo e onde está a parte da frente do corpo.

Vamos, ainda, incorporar os saberes da quadrilha junina, a dança camponesa cuja origem está nos salões de bailes europeus e hoje se manifesta em todo o Brasil. Nela, palavras estrangeiras como “balancê” e “tour” fazem parte da fala dos narradores da dança.

Conhecendo melhor outros comandos, você poderá criar jeitos próprios de dançar e, com arte, colaborar para deixar a festa de sua escola mais bonita do que ela já é!



PARA REVISAR E REFORÇAR

DANÇAS E BRINCADEIRAS DE OUTRAS ÉPOCAS

Do que será que se brincava na época em que a família real portuguesa chegou ao Brasil? Observe a pintura. Você conhece alguma brincadeira representada?



Museu da História da Arte, Viena

Pieter Bruegel.
Jogos infantis,
1560.
Óleo sobre madeira,
1,61 m x 1,18 m.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

1 Inspirado pela obra, agora é sua vez de brincar!



- a)** Formem grupos e escolham algumas brincadeiras.
- b)** Preparem os materiais e combinem as regras do jogo.
- c)** Uma das brincadeiras pode ser “Eu com as quatro”, que tem a mesma formação de danças europeias e africanas. Para isso, ouça a cantiga que o professor vai apresentar. Bata palmas com quem está ao seu lado e à sua frente, conforme a letra da música!
- d)** Registre o nome da brincadeira escolhida e como vocês se organizaram.

As brincadeiras podem ter nomes conhecidos ou serem nomeadas pelos estudantes, caso eles criem derivações ou atualizações de brincadeiras tradicionais. O foco da pergunta sobre a organização diz respeito, principalmente, aos fatores agrupamento e espaço; os estudantes podem formar duplas e ficar em pé para brincar de se equilibrar na ponta dos pés.

Ao chegar em um lugar, é preciso cumprimentar as pessoas. Abaixar a cabeça com as mãos juntas na frente do peito, apertar a mão da outra pessoa ou fazer um toque de cotovelos são formas de cumprimentar. O modo como as pessoas se cumprimentam diz muito sobre a cultura delas.

- 1** Vamos conhecer as danças campestres com uma dança de cumprimento?
A letra diz assim:

Olá!
Como vai?
Olá!
Como vai?
Eu vou bem, eu vou bem.
E você vai bem também!
Legal, legal, legal, legal, legal, legal, legal! Hey!
Legal, legal, legal, legal, legal, legal, legal!

Legal, legal, legal. Compositor e intérprete: Edinho Paraguassu. In: Brinquedo: rodas, brinquedos cantados e danças folclóricas. São Paulo: [s. n.], 2015.

- a)** Observe as figuras relacionando os gestos à letra da música e veja como se dança. Depois que aprenderem, vocês podem criar novos gestos!



 <p>MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL</p> <p>Olá, como vai? Olá, como vai?</p>	 <p>Eu vou bem. Eu vou bem.</p>	 <p>E você, vai bem também!</p>
 <p>Legal, legal, legal, legal, legal, legal, legal!</p>	 <p>Hey!</p>	 <p>Legal, legal, legal, legal, legal, legal, legal!</p>

Ilustrações: Fabiano Moura



PARA AMPLIAR

A CONSTRUÇÃO DA QUADRILHA

Os figurinistas criam roupas e o cenógrafo cuida do visual do espaço. Enfeitar a escola e o bairro para as Festas Juninas é tão gostoso quanto se arrumar para participar delas, afinal, ao se vestir com determinadas intenções, colocamos sobre a pele roupas que nos ajudam a pensar e agir diferente do que fazemos no dia a dia.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

LightFieldStudios/Shutterstock.com

Casal com trajes de Festa Junina.

Como podemos criar detalhes nas roupas que reforçam os motivos das Festas Juninas? Você pode dar um toque pessoal ou reforçar o espírito de grupo ao combinar com a turma de usarem, por exemplo, lenços de um mesmo tecido e, caso tenha um animal de estimação, arrumá-lo com trajes juninos para fotografar a fim de compartilhar com a turma!

ETAPA 1

As quadrilhas do Nordeste costumam contar histórias da região com figurinos que parecem de alta-costura. Inspire-se em tudo o que você conhece e seja o figurinista e o cenógrafo da festa de sua escola.

1 Desenhe uma Festa Junina, com roupas e ambiente típicos!



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ETAPA 2

É comum nas quadrilhas o narrador falar no microfone os comandos da dança para que todos saibam como mover o corpo. Algumas palavras são inspiradas na língua francesa.

“Balancê” é o pedido para balançar o corpo no lugar ou caminhando.

“Tour” é o sinal para girar e mudar de direção ou dar uma volta na quadra onde a dança está acontecendo.



Cesar Diniz/Pulsar/Imagens

Quadrilha de Bonecões da Mantiqueira. Pirapora do Bom Jesus, São Paulo, 2019.

Nos cumprimentos, os pares formam duas filas, uma de frente para a outra. Primeiro, a fila dos cavalheiros anda para a frente, cada um faz uma reverência para a companheira e volta dançando de costas. Depois, é a vez da fila das damas reverenciar o par. Converse e experimente algumas ações para registrar em palavras suas ideias.

- 1 Quais tipos de cumprimento podem ser criados para inovar nas Festas Juninas deste ano? [Resposta pessoal.](#)



- 2 Quais jeitos de balançar o corpo sem sair do lugar você consegue fazer?

[Resposta pessoal.](#)

ETAPA 3

Após o cumprimento, vem o galope: o primeiro par da fila anda para a frente. Ao chegar no meio das duas filas, um de frente para o outro, dão as mãos e saem pulando de lado.

Após o galope, vem o túnel: as filas se aproximam e os pares dão as mãos no alto. Primeiramente, os noivos “entram” no túnel. Após todos passarem, os pares caminham lado a lado, de braços dados.

1 Que parte do corpo usamos para formar o teto do túnel?

[Os braços erguidos, conectados com os braços erguidos de alguém à nossa frente.](#)

2 Qual é a parte do corpo que nos faz saltar no galope?

[Pés e pernas.](#)



Gabriel Fevilde/Stockphoto.com

Túnel de Festa Junina.

3 A quadrilha faz parte da encenação de um casamento na roça, no qual acontecem várias coisas: chove, aparece uma cobra, a ponte quebra... e todos exclamam "Ahhhh!". [Respostas pessoais.](#)

- Como você se protege da chuva?

- Como você reage quando leva um susto?

- E como você cria soluções quando não pode passar por um caminho?

4 Em dupla, brinque de "sombra". O colega vai na frente enquanto o "sombra" o segue. O colega da frente deve criar jeitos de surpreender sua sombra.



Na próxima quadrilha, misture os elementos das práticas, crie seu jeito de dançar e divirta-se!



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Yeda (coord.). *Frevo*. Brasília, DF: Iphan, 2016. (Dossiê Iphan, 14). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossieiphan14_frevo_web.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

Disponível *on-line*, esse material do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é um dossiê rico em detalhes sobre o frevo, estilo musical brasileiro.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

A BNCC é o documento que define as aprendizagens, competências e habilidades que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

Institui a Política Nacional de Alfabetização, cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. O documento tem caráter prático para orientar programas e ações do governo federal.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental*. São Paulo: Ática, 2000.

Livro que aborda elementos e materialidades em todas as linguagens da arte.

FREVO: parte I. Brasília, DF: Iphan, 2010. 1 vídeo (7min13s). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/videos/detalhes/108>. Acesso em: 21 maio 2021.

Esse vídeo informa detalhes sobre o frevo e mostra desde imagens históricas raras até apresentações atuais. Além de servir como registro histórico de um patrimônio nacional, demonstra como a cultura do frevo é bastante viva no Brasil.

NOGUEIRA, Nilcemar (org.). *Matrizes do samba do Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo*. Brasília, DF: Iphan, 2014. (Dossiê Iphan, 10). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieSambaWeb.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

O dossiê explica as origens do samba-enredo no Brasil e desvenda esse elemento fundamental dos desfiles de escolas de samba, tão tradicionais do Carnaval brasileiro.

PERDIGÃO, João Gabriel de. *Costumes ao espetáculo: a transformação da festa junina campinense n^o "O Maior São João do Mundo"*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Ilhabela, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/12083/1/DISSERTAÇÃO%20João%20Gabriel%20Perdigão.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

O autor investiga os aspectos que definem a identidade do São João de Campina Grande, considerado a maior festa junina do Brasil, tanto pelo resgate das raízes nordestinas quanto pela dimensão do evento, que abrange gastronomia, música, dança e até moda.

SÃO LUIZ DO PARAITINGA. Prefeitura Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga. *Histórico do Carnaval de marchinhas*. São Luiz do Paraitinga: Prefeitura Municipal da Estância Turística de São Luiz do Paraitinga, c2021. Disponível em: [https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/post/historico-do-carnaval-de-marchinhas\\$12655](https://www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/post/historico-do-carnaval-de-marchinhas$12655). Acesso em: 21 maio 2021.

Artigo da história de um dos carnavais mais tradicionais do estado de São Paulo.



ENCARTE DA PÁGINA 19



**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



Recortar

An aerial photograph of a tropical beach with several thatched umbrellas. A dark diagonal stripe runs from the top right to the bottom left, partially obscuring the beach. The text is centered on this stripe.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

ISBN 978-65-5817-801-9